

## A MÚSICA NA IRMANDADE DA BOA MORTE (1990-2000)<sup>1</sup>

Armando Alexandre Costa de Castro<sup>2</sup>

Realizar um mapa das dinâmicas musicais existentes nas festividades da Irmandade da Boa Morte é o grande objetivo deste estudo. Localizada no município baiano de Cachoeira, a secular Irmandade da Boa Morte (IBM) é um dos maiores episódios de resistência sócio-cultural dos afro-descendentes em solo brasileiro. Formada por senhoras negras com idade acima de 50 anos, que têm relação com o candomblé e o catolicismo – dupla-pertença –, a IBM tem na sua festa do mês de agosto, talvez a maior manifestação profano-religiosa do Recôncavo Baiano, onde a música aparece como um grande elemento revelador de identidades étnica, cultural e comportamental de um povo.

A pesquisa está dividida em três capítulos. Num primeiro momento, aborda a importância das irmandades no Brasil-Colônia e pós-Colônia, passando pela caracterização e apresentação das Irmandades brancas e negras, chegando, então, à Irmandade da Boa Morte. Quanto à IBM, se fixa com mais argumentos, documentos e informações, tendo em vista ser a presença da música na festa realizada por esta Irmandade, o tema central da investigação. A história da IBM, desde seu nascimento – por volta do ano de 1820, na Igreja da Barroquinha, em Salvador, Bahia – e expansão para a cidade de Cachoeira, chegando até o quadro atual de irmãs. Como suporte bibliográfico para este capítulo, e visando a facilitar a compreensão sobre as Irmandades, Escravidão, Liberdade, Etnicidade, utilizaremos como referencial as obras do historiador João Reis, além da dissertação de Mestrado intitulada “Presença do Candomblé na Irmandade da Boa Morte: Uma investigação etnográfica sobre ritos mortuários e religiosidade Afro-baiana”, do historiador cachoeirano Luis Cláudio Dias do Nascimento, entre outras (ver bibliografia).

No segundo capítulo, intitulado “A Morte e a Festa”, apresento os motivos – nas visões africana e judaico-cristã – para se ter a morte como motivo de festa. A versão judaico-cristã sobre a Morte e Assunção de Nossa Senhora, além da Mitologia Africana sobre a cosmologia, aparecem tentando deixar o leitor um pouco mais ‘familiarizado’ com o assunto pesquisado. Neste estudo, aprofundo-me no cronograma da Festa da Boa Morte, seus significados, programação e instituições mantenedoras. Há a apresentação de uma reflexão pertinente sobre a questão do aproveitamento e exploração dos festejos anuais da IBM, pelas entidades e instituições culturais de Cachoeira, São Félix e Muritiba, que têm nesta Festa, com a grande quantidade de pessoas atraídas, um momento de apresentar as suas atividades e personalidades. Para tanto, criam programações culturais que divulgam suas atividades e personalidades. É o caso da Fundação Hansen-Bahia, Fundação Luiz Ademir de Cultura e da própria Prefeitura Municipal de Cachoeira, que, embora não contribua financeiramente com o evento, movimentam a cidade com ampla programação cultural. A relação da IBM com a Bahiatursa também é apresentada.

Para compreender o delicado e perigoso binômio sagrado-profano, tão presente no cotidiano baiano de festas, as investigações dos autores Mircea Eliade, Ordep Serra e Vilson Caetano, que reforçam aspectos de um *modus vivendi* local muito influenciado pela religiosidade.

No terceiro capítulo, com algumas noções de Etnomusicologia, apresento a música, ou melhor, as músicas e os vários gêneros musicais existentes nessa dinâmica. Da música litúrgica, passando pela valsa e chegando, finalmente, ao samba-de-roda – gênero que aparece como grande elemento de identidade étnica e oralidade. Há, ainda, a apresentação dos grupos musicais envolvidos nos festejos,

<sup>1</sup> Pesquisa acadêmica vinculada ao Curso de Especialização em História Social e Educação da Universidade Católica do Salvador – UCSal, sob a orientação do Professor Doutor Charles D’Almeida Santana.

<sup>2</sup> Licenciado em Música pela Universidade Católica do Salvador – UCSal, e pós-graduado do Curso de Especialização em História Social e Educação da Universidade Católica do Salvador – UCSal.

no período compreendido entre 1990 e 2000. Dentre os grupos catalogados, podemos citar a “Filarmônica Lira Ceciliana”, “Coral Cidade da Cachoeira”, “Samba-de-Roda Suerdieck” e o “Samba-de-Roda Amor de Mamãe”, entre outros.

A apresentação dos vários tipos de samba-de-roda encontrados nesta dinâmica ressalta-se, não somente pelo valor etnomusicológico, mas pelo aspecto da inventividade de um povo simples, mas hábil no trato com as estratégias de produzir frestas, festas e música, que nem sempre têm a finalidade do entretenimento. Dentre os achados histórico-musicológicos, destaque para os ‘sambas de caruru’, ‘de casa-de-vizinha’, ‘de resposta’, ‘de chegada’, ‘de despedida’, ‘de santo’, ‘de pedido’, ‘corta-jaca’, ‘miudinho’, entre tantos outros. Dentre os autores deste momento, é necessário destacar Hermano Vianna, José Miguel Wisnik, Santo Agostinho, João Reis, Michel Maffesoli, Ângela Luhnning e Manuel Veiga.

A metodologia utilizada encontra na história oral e pesquisa-de-campo suas maiores fontes, tendo em vista que boa parte dos colaboradores têm acima de 70 anos e experiências imensuráveis de relacionamento com a IBM e a Música. Fotografias têm dado um charme especial a esta investigação.

Por último, a afirmativa de que a Irmandade da Boa Morte não deve ser lembrada só pelo viés das resistências cultural, étnica e histórica; também, por ser a realizadora de uma dinâmica festiva anual, que apresenta uma grande variedade de gêneros musicais, em que o samba-de-roda ganha discursos com amplas variantes, sem perder a grande consciência de etnicidade e historicidade de seus sujeitos que têm, na devoção a Nossa Senhora da Boa Morte e sua Assunção aos Céus, motivos de festa, música, comprometimento e socialização.

## REFERÊNCIAS

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos - O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

NASCIMENTO, Luiz Cláudio Dias do. **Presença do candomblé na Irmandade da Boa Morte**: uma investigação etnográfica sobre ritos mortuários e religiosidade Afro-baiana. Dissertação Mestrado em Ciências Humanas. Salvador: FFCH/UFBA, 2001.

REIS, João José. **Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão**. In: Revista do Departamento de História da UFF. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

\_\_\_\_\_. *Tambores e tremores*. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira da (org.). **Carnavais e outras frestas**. São Paulo: Ed. Unicamp, 2000.

\_\_\_\_\_. **A morte é uma festa**: Ritos e revolta popular na Bahia oitocentista. São Paulo: Cia das Letras, 2000.